

CRONOLOGIAS DO LUGAR

Maria Luiza Fatorelli (Malu Fatorelli)
Doutora em Artes Visuais
Professora Adjunta do Instituto de Artes da UERJ
PPGARTES-UERJ

A autora discute seu processo de trabalho como artista pesquisadora participante do projeto O Tempo como Matéria. São abordados aspectos conceituais, estratégicos e processuais do trabalho que reúne cinco artistas e é coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Cláudio da Costa.

arte contemporânea, metodologias artísticas, tempo como matéria

*The author discusses his process of work as an artist and researcher in the project Time as Matter. Conceptual, strategic and formal aspects are considered in this work shared by five artists and coordinated by Pr. Dr. Luiz Claudio da Costa.
contemporary art, artistic methodologies, time as matter*

Os temas dos últimos encontros da ANPAP buscaram investigar e estabelecer alguns marcos para o campo/panorama da pesquisa em artes visuais. O Décimo Oitavo Encontro considera o hibridismo interfaces e permeabilidades das linguagens artísticas na proposição do tema *Transversalidades nas Artes Visuais*. É preciso convocar *Um Novo Arquivista* - “Há que perseguir as idéias, atravessar os níveis, ultrapassar os limiares, nunca se contentar em desenrolar os fenômenos e os enunciados segundo uma dimensão horizontal ou vertical – mas formar uma transversal, uma diagonal móvel na qual se deve mover o arquivista arqueólogo”.¹

Apresento neste texto algumas reflexões sobre o projeto de pesquisa *O Tempo como Matéria* proposto por Luiz Cláudio da Costa, do qual participo como artista pesquisadora. Pretendo apontar alguns percursos possíveis de apresentação/arquivo deste trabalho considerando suas características interinstitucionais e transdisciplinares, assim como discutir aspectos de minha proposta específica no âmbito desta colaboração artística.

Os títulos das pesquisas reverberam a questão do *Tempo* como um ensaio em cinco capítulos no qual texto e imagem são índices de diferentes arquiteturas, cartografias comunicantes: *Em Busca do Tempo Real / O Jornal e o Esquecimento / Passa Batido mas não Despercebido / Sistema-Cinema / O Lugar do Tempo*.

André Parente (ECO-UFRJ), Leila Danziger (IART-UERJ), Livia Flores (PPGARTES-UFRJ), Ricardo Basbaum (IART-UERJ) e eu (IART-UERJ) compomos o grupo de artistas pesquisadores convidados por Luiz Cláudio da Costa para desenvolver o projeto que foi selecionado integralmente no primeiro Edital para Artes Visuais da FAPERJ.²

Na proposição do projeto, Cláudio escreve: “O interesse pelo tempo tem tido desdobramentos nas práticas artísticas desde as vanguardas modernas, mas as décadas de 50 e 60 absorveram as imagens em movimento do cinema e do vídeo, a velocidade e a cultura das comunicações, de modo que as abordagens do tempo pela arte tornaram-se uma constante... Interessa a essa pesquisa pensar e produzir obras que reflitam essas questões: Quais imagens de tempo são potentes hoje? Quais experiências artísticas podem ainda rachar nosso presente, abrindo-o para outros tempos remotos e futuros, possibilitando encontros simultâneos com outros espaços e outras subjetividades? Como pensar a memória, o saber, o atual e o virtual na realidade das nossas experiências? Como urdir imagens de tempo fora dos padrões de verdade conhecidos de nosso presente?”³

O processo de elaboração do trabalho foi iniciado com visitas aos ateliês de todos os participantes. Conhecer melhor e mais de perto o trabalho de cada artista, discutir os diferentes projetos, romper com o isolamento do trabalho de atelier já constitui um percurso diverso e instigante. Eu não falo ainda da exposição, mas do desenvolvimento inicial das pesquisas “individuais”.

Thierry de Duve ao organizar a exposição - *Voici, 100 anos de arte contemporânea*⁴ - como parte do programa oficial do ano cultural de Bruxelas 2000, produziu um catálogo que, segundo ele, é uma obra com duas “gavetas”, uma delas com os textos teóricos e a outra com a reprodução a cores de todas

as obras presentes na exposição. Ao montar a maquete da exposição, Thierry avaliou que as obras, elas mesmas, produziram os melhores comentários. A relação das obras colocadas no espaço da exposição acabou por determinar diálogos e relações muito além das propostas teóricas.

No desenvolvimento do projeto *O tempo como Matéria*, a exposição será um grande desafio. Prevista para acontecer no primeiro piso do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, o espaço deste museu, projetado por Oscar Niemayer, é formado por um grande salão circular limitado por cinco paredes e cercado por uma varanda. O edifício não tem divisórias ou salas. Poderíamos falar em um espaço de dentro e outro de fora. O interno, um “círculo” poliédrico com mais ou menos trezentos metros quadrados. O externo, uma varanda fechada com vidro e totalmente aberta à paisagem. Tais características arquitetônicas são determinantes, pois as obras inevitavelmente vão compartilhar o espaço, e mais do que isso, a articulação entre as obras será determinante na construção do trabalho coletivo.



Fig.1 Desenho *objeto: paisagem* / Detalhe

O meu projeto *O Lugar do Tempo*, a ser desenvolvido com a pesquisa, propõe uma aproximação ou uma atualização de diferentes “tempos” guardados ou fixados em lugares que, nos últimos anos, foram escolhidos por mim para intervenções artísticas. A construção desta cronotopobiografia é agenciada por meio de uma arquitetura/arquivo tencionada pela contraposição da imagem digital a vários procedimentos impregnados de gesto, contato e matéria utilizados para a realização de instalações, pinturas, gravuras e desenhos.

Neste momento ainda não é possível determinar uma configuração para o trabalho que surgirá de um processo a ser elaborado no decorrer do projeto de pesquisa, mas poderia sugerir a imagem do *Caminhante*⁵, da Lygia Clark, como um relógio no qual a passagem do tempo, definida pelo percurso recortado na circularidade da fita de Moebius, determina uma experiência que condensa tempo e lugar promovendo escolhas que se desdobram a cada volta em novas configurações espaciais.

Objeto: paisagem é o título do meu trabalho mais recente realizado na Galeria Largo das Artes no Rio de Janeiro, em 2008 (fig.1). Neste ensaio de imagens o espaço da paisagem é “aberto” por uma chave, cujo segredo traz a forma do relevo das montanhas cariocas.⁶

A paisagem é construída a partir do objeto. A lógica das escalas é invertida pelas pequenas montanhas do Pão de Açúcar e do Corcovado que ao serem impressas nos desenhos instauram horizontes poéticos. Nestas imagens, fios de cobre, pigmentos e papéis articulam, de forma particular, ícones do espaço público do Rio de Janeiro.

Um panorama da Lagoa Rodrigo de Freitas foi apresentado em doze chaves de cobre presas perpendicularmente à parede da galeria (fig.2). As imagens capturadas do centro da lagoa, durante minhas aulas de remo, formam uma espécie de relógio que desdobra o espaço em uma arquitetura afetiva que marca o tempo e o lugar da paisagem.

A partir da proposição do *Lugar do Tempo* comecei a realizar algumas experiências com fotos e vídeos digitais, capturando arquiteturas e algumas imagens de trabalhos anteriores. Comecei a fotografar o círculo com as chaves (12), que formam o trabalho do “panorama” da Lagoa Rodrigo de Freitas. Foram algumas experiências no sentido de provocar sombras nos objetos, aludindo a passagem das horas do dia.

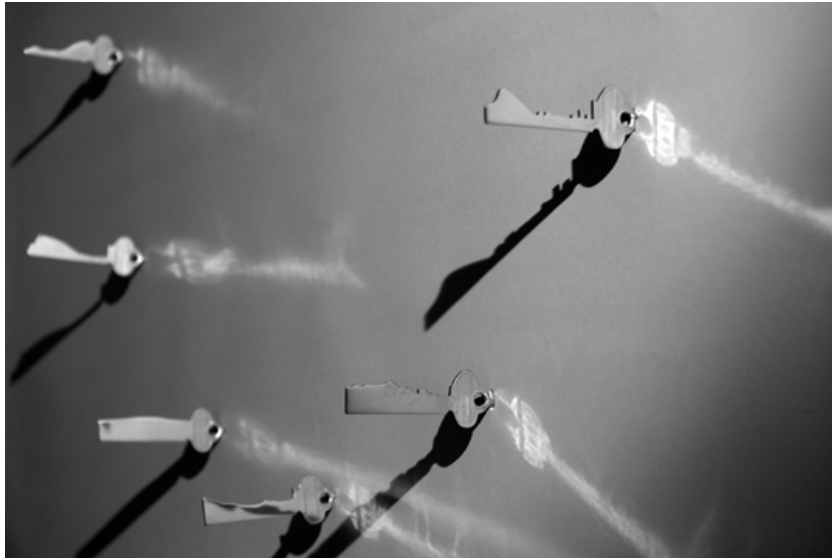


Fig.2 Panorama da Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ. – detalhe

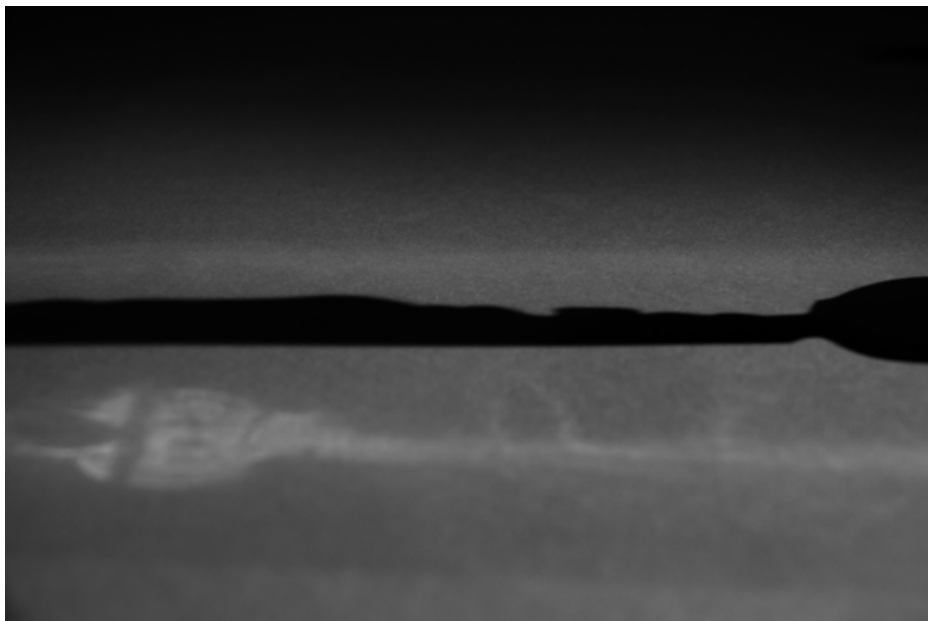


Fig.3 série *objeto:paisagem* / 2009

Fixadas pela sombra do desenho do segredo das chaves, esta dupla ausência da paisagem (fig.3) foi capturada indicialmente em imagens que recuperaram a escala, a potência do lugar. Não mais a paisagem visível ou o objeto chave, mas as sombras de uma circularidade que são ausências ou índices da presença de uma paisagem. Configura-se então uma nova duração constituída no desdobramento da passagem cotidiana pelo lugar da cidade. Esta

paisagem, desenho de ausências, desdobra o espaço na experiência cotidiana da passagem.

Retomamos a fita de Moebius, a experiência do *Caminhante* que Ligia nos indicou. A atenção ao caminhar, o desdobramento do percurso. O território urbano como *espaço liso*⁷ na construção da obra.

¹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

² Faperj – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

³ Texto do projeto *O tempo como Matéria* apresentado à Faperj.

⁴ De DUVE, Thierry. *Voici, 100 ans d'art contemporain*. Bruxelas: Ludion, 2000.

⁵ Proposição artística de Lygia Clark, 1963.

⁶ Ensaio – exposição na Galeria Largo das Artes, curadoria de Martha Pagy.

⁷ DELEUZE, Gilles. FÉLIX, Guattari. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol 5 São Paulo: 34, 1997.

Malu Fatorelli Doutora em Artes Visuais (EBA-UFRJ). É professora adjunta do IART-UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi Artista Visitante na Escola Internacional de Gráfica de Veneza, Itália; na Ruskin School of Drawing and Fine arts da Universidade de Oxford, Inglaterra e no Headland Center for the Arts, São Francisco, CA. EUA. Apresentou sua obra em museus e galerias no Brasil, na França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Cuba e China.